

Variantes sincrônicas da construção ditransitiva: uma análise centrada no uso

Synchronic variants of the ditransitive construction: a usage-based analysis

Maria Angélica Furtado da Cunha¹

Resumo: Este artigo tem como objeto as variantes sincrônicas da construção ditransitiva. Discutem-se o uso de configurações argumentais distintas dessa construção e os diferentes itens lexicais que podem preencher o *slot* verbal. O objetivo é identificar aspectos funcionais que motivam a ocorrência dessas configurações com base na frequência *token* dos *types* considerados. O enfoque teórico-metodológico adotado é o da Linguística Funcional Centrada no Uso de viés construcionista. A análise é predominantemente qualitativa com suporte quantitativo, evidenciador de tendências. Os dados empíricos provêm de *corpora* que registram usos efetivos do português do Brasil em variados gêneros falados e escritos do século XX. Os resultados obtidos indicam que as variantes da construção ditransitiva mantêm entre si relações horizontais na rede construcional, tendo em vista que expressam conteúdo proposicional semelhante, mas diferem quanto a aspectos morfossintáticos e discursivo-pragmáticos.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Gramática de Construções. Construção ditransitiva. Variantes construcionais.

Abstract: This paper focuses on synchronic variants of the ditransitive construction. The use of different argument configurations of this construction and the different lexical items that can fill the verbal slot are discussed. The aim is to identify functional aspects that motivate the occurrence of these configurations based on the token frequency of the types considered. The theoretical-methodological approach adopted is that of Usage-Based Functional Linguistics with a constructionist bias. The analysis is predominantly qualitative with quantitative support, revealing trends. The empirical data comes from corpora that record actual uses of Brazilian Portuguese in various spoken and written genres of the 20th century. The results obtained indicate that the variants of the ditransitive construction maintain horizontal relations with each other in the constructional network, since they express similar propositional content, but differ in terms of morphosyntactic and discursive-pragmatic aspects.

Keywords: Usage-Based Functional Linguistics. Construction Grammar. Ditransitive construction. Constructional variants.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Natal, RN, Brasil. Endereço eletrônico: angefurtado@gmail.com.

Introdução

Este artigo tem como foco a construção de estrutura argumental ditransitiva (doravante, CD) e suas possibilidades de instanciação em textos falados e escritos de diferentes gêneros produzidos no século XX. O objetivo geral é identificar fatores morfossintáticos, semânticos, discursivo-pragmáticos e cognitivos que motivam as variantes gramaticais da CD.

Prototípicamente, a construção ditransitiva perfila um evento de transferência concreta, em que um agente transfere um objeto para um recipiente, codificados, respectivamente, pelo sujeito (S), objeto direto (OD) e objeto indireto (OI) da oração. Nessa linha, a análise tem por base o significado central da construção, sem levar em conta a representação formal de seus argumentos, conforme Malchukov, Haspelmath e Comrie (2010) e Colleman e De Clerck (2011). Entretanto, acato a hipótese, veiculada na literatura de língua inglesa, de que o sentido central da CD pode ser expandido para designar outros tipos de situação que exibem alguma semelhança com um evento de transferência física.

O modelo que fundamenta este trabalho é a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) de viés construcionista, conforme descrita em Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) e Oliveira e Rosário (2016), entre outros. Esse modelo postula uma relação de simbiose entre gramática e discurso, de modo que a estrutura linguística é moldada pelo uso que os falantes fazem da língua em suas interações comunicativas diárias. Portanto, a gramática está em constante mutação e adaptação, em consequência das eventualidades do discurso. Isso significa que o sistema linguístico é dinâmico e abriga, ao mesmo tempo, padrões regulares, convencionalizados, e outros que emergem, devido a pressões cognitivas e/ou comunicativas (Givón, 2001; Bybee, 2016 [2010]). O uso frequente de um determinado elemento linguístico leva, pois, à sua regularização, convertendo-o em norma (Givón, 1995).

A investigação segue uma metodologia qualquantitativa (Cunha Lacerda, 2016) de caráter interpretativo, que leva em conta o contexto discursivo em que a construção é usada, ou seja, as sequências textuais anteriores e posteriores à ocorrência pesquisada. A abordagem qualitativa, que recebe maior destaque, volta-se para os aspectos funcionais envolvidos no uso de determinada variante da CD. A abordagem quantitativa, por sua vez, trata da frequência de uso de cada variante, o que possibilita aferir tendências e/ou regularidades. Por um lado, esse procedimento reflete a forte interdependência entre forma e conteúdo que o modelo funcional-construcionista assume; por outro, contribui para o refinamento da análise da língua centrada no uso, no que diz respeito tanto a padrões linguísticos já ritualizados quanto a emergentes (Bybee, 2006; Martelotta, 2009).

Os dados empíricos provêm dos *corpora* C-Oral Brasil, Museu da Pessoa e Chave, os quais reúnem fala espontânea, entrevistas transcritas e textos jornalísticos, respectivamente, produzidos no século XX. Esses dados representam o *continuum* fala-escrita em diferentes

contextos comunicativos. O recorte temporal busca contemplar usos sincrônicos das manifestações oracionais no domínio da ditransitividade.

Foram coletadas 930 orações cujos verbos são acompanhados por objeto direto codificado por sintagma nominal (SN) e objeto indireto expresso por sintagma preposicionado (SPrep) ou pronome clítico, correspondentes a 49 tipos verbais distintos (ver Tabela 1 adiante).

Na arquitetura da rede construcional, a Gramática de Construções tem priorizado as relações taxonômicas, ou verticais, entre as construções, como se pode atestar nos trabalhos de Goldberg (1995), Hudson, (2007), Furtado da Cunha (2017), Cezario e Alonso (2019), Traugott e Trousdale (2021 [2013]), entre outros. Autores como Cappelle (2006, 2009), Perek (2015) e Diessel (2019, 2024), contudo, têm chamado a atenção para as relações sincrônicas, ou horizontais, que se dão entre construções no mesmo nível de abstração com significado/função semelhantes. Neste artigo, sigo a proposta desses autores e trato as diferentes configurações estruturais que instanciam a CD no português do Brasil como variantes gramaticais sincrônicas de uma mesma construção que expressam conteúdo proposicional aproximado, mas diferem quanto a aspectos semânticos, morfossintáticos, discursivo-pragmáticos e cognitivos.

Este texto está dividido nas seções seguintes, além desta introdução: na segunda seção, faço uma breve explanação do quadro teórico; na seção seguinte, apresento os tipos de evento de transferência que as orações ditransitivas podem perfilar e as variações correspondentes; a quarta seção trata da variação semântica constatada nos construtos da CD, com foco nos verbos empregados; na próxima seção, investigo a variação morfossintática, examinando os elementos que preenchem os *slots* da CD; na sexta seção, abordo as relações horizontais entre as microconstruções da CD; a última seção traz as considerações finais, seguida das referências.

Modelo teórico

A análise da construção ditransitiva segue os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), uma orientação recente de pesquisa desenvolvida por pesquisadores brasileiros do grupo de estudos Discurso & Gramática, a qual associa-se ao que a literatura de língua inglesa intitula *Usage-based Theory* (Bybee, 2016 [2010]; Hoffmann; Trousdale, 2013).

A LFCU caracteriza-se pela articulação entre a Linguística Funcional norte-americana, representada por Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Wallace Chafe, Joan Bybee, Elizabeth Traugott, *inter alia*, e a Gramática de Construções, na linha de Adele Goldberg, William Croft, Graeme Trousdale, Martin Hilpert e outros. Da Gramática de Construções, a LFCU assume a concepção de língua como uma rede de construções, pareamentos de forma-

função, interconectadas em seus diferentes planos, por relações de natureza diversa, cuja estrutura é motivada e regulada por fatores cognitivos, sociocomunicativos e culturais.

Esse modelo concebe a gramática como emergente, dinâmica e gradiente, posto que está intrinsecamente vinculada ao uso efetivo da língua e resulta da regularização ou rotinização de estratégias discursivas recorrentes (Givón, 2012 [1979]; Bybee, 2016 [2010]). De acordo com essa visão, gramática e uso se retroalimentam. Assim, no estudo da emergência, variação e mudança de construções linguísticas, a LFCU toma como centrais as motivações comunicativas e cognitivas que atuam nos contextos reais de interação social.

Uma vez que o sistema linguístico nunca se estabiliza completamente, na análise de fenômenos linguísticos a LFCU leva em conta a variação e a gradiência dos elementos linguísticos: do ponto de vista sincrônico, o uso contínuo da língua pelos falantes cria variação; num viés diacrônico, a variação pode acarretar mudança, a qual, por sua vez, possibilita gradiência. Logo, a gradiência está estreitamente relacionada tanto à variação entre unidades de uma mesma categoria como à mudança que ocorre gradualmente ao longo do tempo, deslocando um elemento no *continuum* em que as categorias estão organizadas.

Na perspectiva da LFCU, a variação linguística pode ser abordada em termos do princípio de camadas (*layering*), tal como proposto por Hopper (1991). Esse princípio diz respeito à coexistência sincrônica, no mesmo domínio funcional, de formas e conteúdos mais antigos com formas e conteúdos mais recentes. De acordo com Hopper, tais padrões coexistentes atendem a propósitos semelhantes, porém não idênticos. Nesse sentido, considera-se a existência de motivações que competem por um determinado domínio funcional, o qual faz referência à existência de várias alternativas de codificação para desempenhar a mesma função discursivo-pragmática. Para Givón (1984), o domínio funcional corresponde à semântica proposicional e à pragmática discursiva, codificadas pela sintaxe. Esse linguista afirma que a variedade de padrões que codificam o mesmo domínio funcional é consequência direta da pluralidade de percursos diacrônicos que lhes deram origem, de modo que a diversidade sincrônica é produto da diversidade diacrônica (Traugott; Heine, 1991; Hopper; Traugott, 2003; Heine; Kuteva, 2007; Givón, 2009, 2015).

Observa-se uma correlação entre o princípio de camadas e a noção de *formas em competição*, a qual diz respeito à existência de pressões contrárias que motivam o uso de formas linguísticas distintas para veicular o mesmo conteúdo proposicional, como economia e clareza (Haiman, 1983). Enquanto a primeira reflete a intenção do falante em codificar uma dada informação com o mínimo de material morfofonológico, a segunda está associada ao interesse do interlocutor pela explicitude da informação veiculada, o que leva ao uso de estruturas mais extensas. Assim, a tensão entre essas pressões pode explicar o surgimento de uma forma distinta para atender a uma necessidade cognitiva e/ou comunicativa, apesar de ambas serem semanticamente similares (Furtado da Cunha; Bispo, 2018).

Acompanhando Traugott e Trousdale (2021 [2013]), a variação pode ser tratada em termos de mudança construcional, que afeta uma dimensão interna de uma construção (em sua forma ou em seu conteúdo), sem resultar na criação de um novo nó na rede. Como consequência, a alteração observada pode levar à convivência, em uma mesma sincronia, de variantes da mesma construção.

Outra possibilidade de tratamento da variação construcional é proposta por Cappelle (2006, 2009), que sustenta a existência de relações horizontais entre construções com significado semelhante ou equivalente. Nessa direção, padrões formalmente distintos de uma construção, os quais expressam conteúdo proposicional aproximado, mas diferem quanto a aspectos pragmáticos, constituem aloconstruções (*allostructions*, no original). Tais aloconstruções compartilham o conteúdo semântico originado de um esquema mais abstrato ou menos especificado, de nível mais alto na rede construcional, assim como exibem pequenas diferenças que as distinguem. Desse modo, as aloconstruções sinalizam elos horizontais entre realizações particulares, ou construtos, de um mesmo esquema ou construção.

É plausível, portanto, depreender que construções formalmente distintas, mas semanticamente semelhantes são evidências de que uma dada situação no mundo real, como um evento de transferência, em que um agente transfere um objeto para um recipiente, pode ser expressa de maneiras alternativas (Perek, 2012). Essa ideia parece ter correspondência com a definição clássica de variável linguística (Labov, 2004) – modos alternativos de dizer a mesma coisa – se forem descartadas as motivações discursivo-pragmáticas presentes na opção por um dado padrão em detrimento de outro no uso real da língua. Nessa linha, pode-se caracterizar a construção ditransitiva como um domínio funcional, em que diferentes estruturas expressam conteúdos semânticos e pragmáticos aproximados.

Diessel (2019) também investiga a variação construcional por meio de relações horizontais entre construções com significado semelhante. Para ele, os *links* entre construções refletem a sobreposição de aspectos da função, do significado e da estrutura dessas construções afins, conforme também argumentam Goldberg (1995), Croft (2001) e Bybee (2016 [2010]).

O fato de dois padrões estruturais – [S OI V OD] e [S V OD OI] – transmitirem o significado básico de transferência da construção ditransitiva (Furtado da Cunha, 2017) possibilita considerá-los como variantes gramaticais. Como veremos adiante, as aloconstruções da CD podem exibir várias propriedades em comum, como a presença de dois argumentos internos (um objeto direto e um objeto indireto), mas também podem diferir em outras, como a posição em que cada um desses argumentos ocorre na cadeia sintática, o elemento que preenche o *slot* verbal e o papel semântico do OI e do OD. Logo, a posição que esses participantes ocupam nas instanciações da CD não faz parte do esquema abstrato da

construção, e sim dos construtos particulares sancionados por esse esquema, conforme exposto mais à frente. Tais padrões respondem a diferentes motivações funcionais, de modo que as aloconstruções, que podem ser frequentemente intercambiáveis no uso da língua, não formam uma categoria única.

As alternativas de ordenação dos argumentos da construção ditransitiva são motivadas por processos semântico-cognitivos (diferentes perspectivações do evento referencial, metaforização e integração conceitual entre o verbo e o evento de transferência), discursivo-pragmáticos (*status* informacional e grau de topicalidade do argumento interno e interpretações semânticas dependentes do contexto) e sintáticos (peso do objeto direto), conforme Furtado da Cunha (2017). Desse modo, pode-se dizer que os atributos objetivos de um evento não são suficientes para prever o padrão gramatical de uma oração que o descreve.

A LFCU prevê que as associações entre a construção e o significado do verbo se fixam e são armazenadas na mente do falante por meio da repetição de enunciados reais no uso interacional da língua. Para tanto, o *frame* do verbo que pode ser sancionado pela CD deve perfilar o mesmo conjunto de papéis participantes compatível com um evento de transferência. Em outras palavras, os verbos e a construção de estrutura argumental que especificam os mesmos papéis semântico-sintáticos podem se fundir (Goldberg, 1995). Desse modo, observa-se um vínculo estreito entre o significado da construção e dos verbos que são sancionados por ela. Num modelo baseado no uso, como a LFCU, a interpretação semântica das variantes da CD se rotinizam/consolidam por meio da frequência *token*. Na mesma direção, Diessel (2019) afirma que a associação entre um verbo e uma construção é reforçada cada vez que o verbo é usado nessa construção, o que corrobora o papel da frequência de uso na fixação de uma dada construção de estrutura argumental no conhecimento linguístico do falante. De acordo com a visão construcionista (Langacker, 2000; Hilpert, 2013), as construções e as relações entre elas resultam do uso da língua e são fixadas pela repetição. Essa postura nos remete ao postulado de Du Bois (1985), segundo o qual “as gramáticas codificam melhor o que os falantes fazem mais”, ou seja, padrões discursivos recorrentes impactam padrões estruturais.

Variantes semântico-gramaticais

Em trabalho anterior (Furtado da Cunha, 2017), com foco nas relações verticais (taxonômicas) que se dão entre o esquema abstrato, de nível mais alto, e os subesquemas mais especificados (*subtypes*), verifiquei que a construção ditransitiva no português brasileiro se liga a uma família de sentidos estreitamente associados, ou seja, é polissêmica. O significado básico de transferência concreta dessa construção é responsável pelo fato de que há três participantes envolvidos no evento denotado, desempenhando os papéis de agente,

paciente e recipiente. A esse tipo de esquema triargumental, então, são associadas classes de verbos que a ele se ajustam. Assim, as instanciações da CD descrevem não apenas transferência concreta bem-sucedida, mas também transferência futura, transferência pretendida e transferência metafórica. Evidentemente, há diferenças finas entre os eventos codificados por essa construção. Tomo a transferência física, concreta como o sentido central, visto que as outras classes de significado podem ser representadas mais economicamente como extensões desse sentido. Nessa direção, é possível agrupar verbos de transferência concreta – *dar, entregar, oferecer* etc. – e verbos de transferência metafórica – *dizer, contar, falar* etc – porque o significado de padrões construcionais, como a construção ditransitiva, é necessariamente mais esquemático do que o sentido do verbo. Assim, uma determinada construção pode acolher verbos de campos semânticos relativamente diferentes, o que reflete uma relação icônica entre a estrutura conceptual (representada pelo evento de transferência) e a estrutura linguística (oração ditransitiva). O fato de que tipos de oração e sua estrutura argumental própria são, em grande medida, motivadas pela classe semântica e sintática do verbo exemplifica o elo isomórfico entre forma e função (Givón, 2001).

Nos *corpora* sob análise, foram coletadas 930 ocorrências de orações com verbos triargumentais. Seguindo a tipologia de Chafe (1970) e Borba (1996), esses verbos são do tipo semântico de ação-processo, ou seja, expressam uma ação em que um sujeito animado, intencional, causa uma mudança no estado ou na localização do paciente, como nos fragmentos:

- (1) Eu fiz isso num dia, no outro dia *ele me deu uma pasta com um monte de ficha*, e me mandaram visitar aqueles médicos lá. (Museu da Pessoa).
- (2) *A Secretaria Estadual de Segurança Pública entregou veículos para as Polícias Civil de Camapuã e Bandeirantes.* (Chave).

Em (1) e (2), as orações destacadas expressam um típico evento de transferência, em que um agente animado/sujeito (*ele* e *a Secretaria Estadual de Segurança Pública*, respectivamente), transfere, ou seja, afeta, causando a mudança de localização, um elemento paciente/objeto direto (*uma pasta com um monte de ficha* e *veículos*) para uma entidade humana recipiente/objeto indireto (*me* e *as Polícias Civil de Camapuã e Bandeirantes*).

Avançando no estudo da construção ditransitiva, demonstrei que as alternativas de ordenação dos argumentos nas orações que a instanciam sinalizam diferentes perspectivações do evento referencial, em que fatores semânticos, discursivo-pragmáticos e gramaticais motivam a preferência pela ordenação do objeto indireto antes do objeto direto (Furtado da Cunha, 2017). Desse modo, ao lado da variação semântica, manifestada pelas extensões do sentido central ou básico da CD, há também variações estruturais, na medida em que a posição do OD e do OI nas ocorrências analisadas não é fixa.

Em resumo, da mesma forma que outras construções de estrutura argumental, a exemplo da construção transitiva (Bispo; Furtado da Cunha, 2022), no português brasileiro a construção ditransitiva superordenada e esquemática encabeça uma rede com significados e padrões estruturais variados, que revelam relações verticais e horizontais. Assim, os subesquemas e as microconstruções dessa construção podem apresentar diferenças semânticas e morfossintáticas, atendendo a pressões discursivas.

Variação semântica

No banco de dados examinado, foram atestadas 635 ocorrências (*tokens*) de verbos de transferência concreta, a exemplo de (1-2), distribuídas em 24 tipos (*types*).

Outro tipo de verbo que ocorre frequentemente com dois objetos é o verbo *dicendi*², que expressa uma atividade que pode ser metaoricamente interpretada como um evento de transferência, em que aquilo que é dito (OD efetuado)³ é transferido para um interlocutor (OI recipiente). Os verbos *dicendi* correspondem a 295 *tokens*, distribuídos em 24 *types*. O mais frequente é o verbo *pedir*, com 39 ocorrências (5%). Seguem alguns dados:

- (3) Segundo a delegada Elizabete Ferreira Sato, da 1^a Delegacia de Crimes Contra Crianças e Adolescentes, o pai chegou em casa bêbado e deu um soco no olho direito de Jéssica porque a menina lhe pediu um pedaço de pão. (Chave);
- (4) Nós ficávamos todos em volta: eu e as minhas primas enquanto meu avô contava as histórias pra gente. (Museu da Pessoa.).

Em (3) e (4), são descritos eventos de transferência abstrata, em que um agente animado/sujeito (*a menina* e *meu avô*) transfere a coisa pedida e contada/objeto direto (*um pedaço de pão* e *as histórias*) para um recipiente humano/objeto indireto (*lhe* e *gente*).

Com relação ao significado, os verbos recrutados pela CD nos *corpora* selecionados foram organizados em 7 grandes classes semânticas⁴:

1. Verbos que significam atos de transferência: dar, entregar, emprestar, pagar, passar, transferir, conceder, causar, roubar, tomar, conseguir.
2. Verbos com condições de satisfação associada: oferecer, mostrar, apresentar.
3. Verbos de movimento: trazer, mandar, jogar.
4. Verbos de criação ou de preparação: fazer, preparar, construir, escrever.
5. Verbos de transferência futura: deixar.
6. Verbos de transação comercial: vender, custar, comprar, cobrar.

² A respeito dos verbos *dicendi* ou de enunciação, ver Furtado da Cunha (2006).

³ O objeto direto de um verbo de enunciação, como *falar*, é criado pela ação do verbo, e não transformado, como acontece com o objeto dos outros verbos de ação-processo. Hopper (1985) chama esse caso de *objeto efetuado*, para distingui-lo de objeto afetado.

⁴ Essas classes semânticas foram adaptadas de Colleman e De Clerck (2011).

7. V *dicendi*: prometer, negar, pedir, contar, narrar, dizer, falar, relatar, avisar, responder, perguntar, indicar, informar, transmitir, recusar, repetir, comunicar, descrever, explicar, sugerir, permitir, ensinar, garantir, ler.

Assim sendo, a CD pode ser instanciada por classes de verbos cuja combinação com a sintaxe dessa construção representa um subsentido construcional (Goldberg, 1995) ou uma subconstrução de uma classe verbal específica, isto é, construções semanticamente mais particulares e marcadas quanto à classe semântica admitida no *slot* verbal, a exemplo de verbos de movimento ou de transação comercial. Estas, por sua vez, se vinculam a construções ainda mais específicas, nas quais o *slot* verbal inclui itens particulares, como *fazer*, sendo denominadas como construções com verbos específicos (Croft, 2003). Observa-se, assim, que a CD não está restrita a um único nicho semântico, apesar de predominarem os verbos que indicam algum tipo de transferência. De acordo com Boas (2003), uma construção de estrutura argumental facilmente licencia um novo verbo se esse verbo é semanticamente similar a um ou mais verbos que são frequentemente usados nessa construção. Não obstante, embora haja uma tendência para reutilizar padrões já estabelecidos, não é incomum que esquemas compostos por verbo e argumentos sejam estendidos a novos itens lexicais, por questões de semelhança semântica, frequência *type* e *token* e a relação entre diferentes construções de estrutura argumental na rede construcional (Diessel, 2019).

A Tabela 1 exibe o quantitativo de ocorrências, em números absolutos e percentuais, desses verbos nos *corpora*:

Tabela 1: Classes semânticas de verbos da construção ditransitiva

Classes de verbos	C-Oral	Museu da Pessoa	Chave	Total
V de transferência	20 (50%)	81 (55%)	202 (27%)	304 (33%)
V com condições de satisfação	1 (2,5%)	4 (4%)	82 (11%)	89 (10%)
V de movimento	4 (10%)	12 (8%)	106 (14%)	122 (13%)
V de criação	4 (10%)	17 (11%)	40 (5%)	61 (7%)
V de transferência futura	0	2 (1%)	13 (2%)	15 (2%)
V de transação comercial	1 (2,5%)	7 (3%)	39 (5%)	44 (5%)
V <i>dicendi</i>	10 (25%)	27 (18%)	258 (35%)	295 (32%)
Total	40 (100%)	150 (100%)	740 (100%)	930 (100%)

Fonte: elaboração própria.

De acordo com a Tabela 1, as ocorrências coletadas perfazem um total de 930 orações triargumentais correspondentes a 50 tipos verbais. Em sua maioria, essas orações expressam um evento de transferência física/concreta (635/68% dos dados). Com o intuito de destacar a predominância do sentido básico da CD, para efeitos de quantificação estou considerando como verbos de transferência concreta também aqueles que indicam transferência futura e transferência pretendida. Utilizando uma escala para acomodar os variados sentidos da construção ditransitiva, estes últimos verbos ocupariam uma posição intermediária nesse *continuum*, em cujos polos estariam os verbos de transferência concreta e os de transferência abstrata, respectivamente. Isso significa que há exemplares mais e menos típicos da construção.

Conforme o falante é exposto à língua em uso, ele tem contato com unidades coocorrentes, as quais são entendidas como blocos únicos e assim são estocadas na memória. Segundo Bybee (2016 [2010]), uma representação exemplar é formada com base em um conjunto de dados que são considerados semelhantes em alguma dimensão. O significado das construções é, então, caracterizado por um grupo de representações exemplares por meio da avaliação do significado dos itens lexicais recrutados pela construção e o conteúdo semântico da oração como um todo, o que evidentemente inclui o contexto em que a oração ocorre. Os processos cognitivos de categorização e armazenamento de informação na memória reduzem o custo cognitivo de elaboração, processamento e produção linguísticos. Nessa linha, Haiman (1985) argumenta que uma função necessária da língua é possibilitar que os falantes façam generalizações e simplificações, visto que seria impossível para os humanos ter um inventário infinito de construções. A polissemia construcional, como acontece com a CD, soluciona essa questão de armazenamento ao agrupar construções que são próximas em significado.

De um modo geral, a transferência concreta é realizada preferencialmente pelo verbo *dar* (em torno de 50%, para os *corpora* C-Oral e Museu da Pessoa), que representa o verbo de transferência prototípico na medida em que há convergência total entre os papéis participantes de *dar* (sujeito, objeto indireto, objeto direto, perfilados pela moldura semântica específica do verbo) e os papéis argumentais da construção ditransitiva (agente, paciente, recipiente). Dito de outro modo, na CD prototípica há coerência e correspondência semânticas, já que o significado de *dar* e o da construção são idênticos (ver Goldberg, 1995, sobre os princípios de coerência e de correspondência semânticas). Logo, pode-se admitir a existência de graus de convergência, decorrentes da proximidade ou do afastamento entre o conteúdo da construção e o significado do verbo que ela sanciona.

A transferência abstrata, por sua vez, é predominantemente veiculada pelos verbos *dicendi* ou de enunciação, os quais perfilam uma atividade que pode ser metaforicamente entendida como um caso de transferência cognitiva (Haspelmath, 2015), em que o conteúdo

do que é transmitido (OD) é direcionado para um interlocutor (OI recipiente). Essa leitura tem apoio na metáfora do conduto (Reddy, 1979), que se realiza quando o falante “insere” seu conteúdo mental (ideias, significados, conceitos etc.) em recipientes (palavras, frases, orações etc.), cujo significado é então “extraído” pelo seu interlocutor para que a unidade linguística seja compreendida. De acordo com essa interpretação, a fala sairia, como em fluxo, de um falante para um ouvinte, o qual é o destino final da ação. Vejamos algumas amostras que exemplificam a transferência concreta (5) e a abstrata (6):

- (5) Ele colocou a mão direita sob a camisa fingindo que iria tirar um revólver e pediu que ela lhe entregasse o toca-fitas. (Chave).
- (6) Meu tio, nu sei se eu te contei esse bafo, muito tempo atrás, a Madonna, no início da carreira dela ela posou nua. (C-Oral).

Enquanto em (5) o sujeito/agente (*ela*) pode efetivamente transferir o OD/paciente afetado (*o toca-fitas*) para o OI/recipiente (*lhe*), em (6) o sujeito/agente (*eu*) “transfere”, por meio de transmissão oral, o OD/paciente efetuado (*esse bafo*) para o OI/recipiente (*te*).

O uso de verbos *dicendi* em uma configuração triargumental resulta da atuação conjunta de diferentes processos cognitivos, tais como metaforização, integração conceitual e automatização. Em trabalho anterior, de viés diacrônico (Furtado da Cunha, 2020), constatei, no século XVIII, o emprego de orações que denotam transferência abstrata (33/8% do total de 436/100% construtos ditransitivos). De lá para o século XX, o uso de orações ditransitivas que perfilam esse tipo de transferência expandiu-se. A comparação entre o quantitativo do século XVIII e o do século XX mostra o fortalecimento da interpretação semântica de transferência dos verbos *dicendi*, resultado do aumento da frequência de uso de construtos com esses verbos. A produtividade *type* e *token*⁵ (Bybee, 2007; Traugott; Trousdale, 2021 [2013]) da construção ditransitiva com sentido de transferência abstrata está relacionada à quantidade de tipos diferentes de verbos encontrados nos dois séculos: apenas 2 no século XVIII (*prometer* e *negar*) e 24 no século XX. Desse modo, o desenvolvimento diacrônico desse sentido da CD reflete a influência de traços semânticos na crescente produtividade do esquema ditransitivo, com o sancionamento gradual de novos *types* de verbos de enunciação ao mesmo tempo em que a experiência dos falantes com esses padrões particulares é responsável pela sua expansão.

Ainda outro aspecto associado à variação semântica sincrônica da CD refere-se aos papéis temáticos que o OI e o OD (paciente afetado e paciente efetuado) podem desempenhar, decorrentes da classe semântica do verbo que é instanciado nos construtos dessa construção. Assim, quando o evento descrito não envolve efetivamente a transferência

⁵ A frequência *type* corresponde ao número de expressões diferentes que a CD tem, ao passo que a frequência *token* diz respeito ao número de vezes que suas instanciações ocorrem no texto.

de posse de uma coisa, como em (7), o OI (*me*) desempenha o papel de beneficiário, sendo identificado, assim como o recipiente, pelo traço [+humano].

- (7) No Natal sessenta-e-dois, a dona Maricota me fez uma compra, lá na minha loja, eu tava liqüidando, até a loja lá... (C-Oral).

Em eventos de transferência concreta, o recipiente prototípico se beneficia, de algum modo, com a coisa transferida. Essa propriedade está relacionada ao enquadre semântico mais amplo desse evento e representa um estágio posterior do ato de transferência. Nesse sentido, a construção ditransitiva pode incorporar o caso beneficiário que é então codificado da mesma forma que o recipiente. Sendo assim, os construtos ditransitivos com *fazer*, como (7), (18) e (19), adiante, implicam um beneficiário – alguém que se beneficia de uma ação feita por outra pessoa – e não um recipiente – participante efetivo do evento de transferência de posse. Nesses casos, portanto, observa-se que a própria construção ditransitiva carreia o significado de transferência, independente do papel semântico do participante OI.

Variação morfossintática

No que concerne ao plano sintático, conforme já mencionado, há variação nos *slots* em que o objeto indireto e o objeto direto podem ocorrer nos construtos ditransitivos⁶. Desse modo, quando codificado como pronome, o OI tende fortemente a anteceder o OD, conforme as ocorrências (1, 3, 5 e 6 acima). Por outro lado, quando expresso como um SPrep, o OI prototípicamente segue o OD. Dentre os dados recolhidos, foram constatadas somente seis orações em que o objeto indireto preposicionado é usado antes do OD. Em todos esses casos, cinco dos quais com verbos *dicendi*, o OD é mais pesado do que o OI:

- (8) Álvaro Dias relatou a FHC a situação de seu partido em vários Estados.
(Chave).
(9) Figueroa conta a Cakoff a anedota de um encontro marcado que se frustrou. (Chave).

Tanto em (8) quanto em (9), o OD (*a situação de seu partido em vários Estados* e *a anedota de um encontro marcado que se frustrou*, respectivamente) é bem mais extenso do que o OI (*a FHC* e *a Cakoff*, nessa ordem), o que pode explicar seu posicionamento anterior ao OD.

Em termos estruturais, portanto, observa-se diversidade na codificação morfossintática do argumento recipiente e na ordenação dos argumentos internos, o objeto

⁶ Furtado da Cunha (2017) examina o vínculo entre a ordenação dos argumentos da CD, sua expressão formal e seu *status* informacional.

direto e o indireto. Assim sendo, verificam-se dois padrões sintáticos: (i) o OI é codificado antes do OD como um pronome em posição pré (10a, *me*) ou pós-verbal (10b, *te*) ou como um sintagma preposicionado (SPrep) em posição pós-verbal (9, *a Cakoff, acima*); (ii) o OI segue o OD, sendo codificado como um SPrep após o verbo (11, *para o chefe de segurança*), conforme as amostras que seguem:

- (10) a. Eu tava cum problema sério, com minha filha, e, ela me deu uma santinha pra mim rezar, e falou comigo que eu, pedisse a ela, que ela me ajudava. (C-Oral).
- (10) b. Eu te dou trabalho, dou-te a casa, dou-te comida, mas quero que pessoas da tua família assinem para que possas ficar aqui a trabalhar. (Museu da Pessoa).
- (11) “Por isso, os petroleiros entregaram a plataforma para o chefe de segurança e desembarcaram, afirmou o diretor do sindicato.” (Chave).

Além desses casos, a alternância na posição do OI e do OD pode-se manifestar-se também nas ocorrências da CD com verbos relacionados ao grau de êxito da transferência, como *oferecer* em (12), entre outros. Nesse último exemplar, a transferência só se completa se o oferecimento for aceito pelo referente do recipiente (*nos*).

- (12) A CESP nos ofereceu uma casa na vila de engenheiros deles e os confortos da CESP. (Museu da Pessoa).

Naturalmente, essas variações na posição e na codificação dos argumentos internos da CD atendem a pressões discursivas específicas, como o estatuto informacional do objeto indireto, o qual, na grande maioria dos casos, está ativo na mente do destinatário por já ter sido mencionado antes ou por estar presente na situação comunicativa. Logo, sua saliência discursiva reflete-se na sua codificação pronominal. Nesse sentido, veja-se o uso dos pronomes *me*, *te* e *nos* em (10a), (10b) e (12), respectivamente. Além disso, a ordenação do OI e do OD pode ser motivada também por pressões morfossintáticas, como o peso, em termos do número de sílabas, do objeto direto (*a anedota de um encontro marcado* que se frustrou) em (9).

Cabe notar que, embora menos frequente, os padrões S V SPrep OD, como em (8) e (9), e OD S OI V (13) também podem ocorrer, conforme o fragmento a seguir:

- (13) “A maioria das histórias que eles me contaram eu já conhecia”, diz Giorgetti, com a autoridade de quem jogou como zagueiro em times de várzea de Santana (zona norte) nos distantes anos 60.⁷

Em (13), o OD é expresso por um pronome relativo (*que* = a maioria das histórias) e se posiciona antes do Sujeito (*e/les*) e do OI clítico (*me*), revelando a atuação de pressões estruturais na ordenação dos argumentos objeto da oração ditransitiva. Esses padrões também são considerados aloconstruções. Reitero que, neste trabalho, o interesse central, no plano morfossintático, é contrastar a realização do OI como um pronome clítico ou um SPrep.

Embora tenha sido observada a maleabilidade posicional dos argumentos internos da oração ditransitiva, os resultados mostram que o argumento recipiente (OI) é preferencialmente codificado como pronome antes do OD, como se vê na Tabela 2:

Tabela 2: Ordenação dos argumentos internos da CD no século XX

Ordenação	C-Oral	Museu da Pessoa	Chave	Total
V + OI _{PRO} + OD	31 (5%)	110 (18%)	459 (77%)	600 (100%)
V + OD + SPrep	9 (3%)	40 (12%)	281 (85%)	330 (100%)
Total	40 (4%)	150 (16%)	740 (80%)	930 (100%)

Fonte: elaboração própria.

Nessa tabela, os números nas colunas representam as ocorrências de cada configuração estrutural para cada *corpus*, ao passo que os números nas linhas correspondem a cada uma das configurações nos três *corpora* selecionados. Dessa forma, no *corpus Chave*, o percentual de 85% de OD precedendo o OI diz respeito ao total geral de orações com essa ordenação (330), não ao total de orações coletadas nesse *corpus* (740), em cujo caso o percentual corresponderia a 38%. Logo, também nesse *corpus* há mais orações com a ordenação V + OI_{PRON} + OD (62%).

É importante ressaltar que os verbos coletados para este estudo podem ocorrer em ambas as configurações estruturais de que trato aqui, como nas amostras seguintes, de fala e de escrita:

- (14) A modelo e atriz Ana Paula Arósio, 20, foi descoberta por uma caçadora de talentos quando fazia compras em um supermercado de São Paulo, acompanhada pela mãe, Claudete. Na época tinha 12 anos. “Uma mulher me deu um cartão e convidou para tirar fotos na agência, chamada Estilo”. (Chave)
- (15) Hhh deu uma periquita pra ela, depois, tava muito sozinha, resolveu, comprou um macho, depois começou a dar, periquito lá. (C-Oral).
- (16) Levou um susto quando Wallace lhe comunicou a mesma idéia básica. (Chave).
- (17) Lula comunicou a escolha a Bisol durante café da manhã na residência do senador. (Chave).
- (18) Uma das maiores [amizades do pintor Diego Rivera foi com o pintor italiano Amedeo Modigliani (1884-1920), com quem dividiu apartamento em Paris nos anos 20. Modigliani lhe fez o retrato, que pertence ao acervo. (Chave).

- (19) E tio Carlos, que estava instalado aqui em Belo Horizonte, lá na rua Silva Jardim que o vovô fez uma casa pra ele, e outra casa pro tio Carlos. (C-Oral).

Com os verbos *dar*, *comunicar* e *fazer*, por exemplo, o OI pode ser codificado como pronome clítico anterior ao OD, como em (14), (16) e (18), ou como um SPrep em posição posterior ao OD, como em (15), (17) e (19).

Relações horizontais

Conforme referido antes, a variação construcional pode ser examinada por meio de relações horizontais que se dão na rede construcional entre construções com significado próximo. Esses elos entre construções ou construtos semelhantes revelam atributos funcionais, semânticos e morfossintáticos que se sobrepõem. É pertinente reforçar que a proposição de aloconstruções se fundamenta em características semânticas compartilhadas e padrões diferentes ligados horizontalmente (Capelle, 2006, 2024; Perek, 2015).

As relações horizontais podem ser caracterizadas tanto por similaridade quanto por contraste. Nessa direção, os elos horizontais entre construções aparentadas demonstram a habilidade cognitiva dos falantes de perceber semelhanças e fazer analogia (Gentner; Markman, 1997; Fisher, 2011). Tais vínculos são salientados por abordagens que concebem a gramática como uma rede de construções interrelacionadas. Portanto, as associações analógicas entre construções, sejam elas de forma ou de conteúdo, têm papel central no entendimento da emergência e do desenvolvimento de padrões gramaticais, envolvendo os usuários da língua e a mudança linguística, conforme Bybee (2016 [2010]).

Retomando a construção ditransitiva e suas variadas manifestações estruturais, em trabalho anterior (Furtado da Cunha, 2017) focalizei as relações verticais ou taxonômicas entre esses padrões semântico-sintáticos. No nível mais alto da rede está o esquema abstrato (X causa Y receber Z). Abaixo dele, posicionam-se quatro subesquemas: o subesquema 1 abriga o sentido central de transferência, que pode ser concreta ou abstrata, como resultado de um processo metafórico; o subesquema 2 expressa o sentido de transferência que depende da satisfação de condições; o subesquema 3 acolhe o sentido de transferência futura; e o subesquema 4 acomoda o sentido de intenção de transferência. Em posição mais abaixo na rede, estão as microconstruções correspondentes a cada subesquema, com os tipos de verbo que as instanciam. Assim, a microconstrução 1 agrupa o verbo *dar* e seus semelhantes semânticos, como *entregar* e *presentear*, exemplares prototípicos; a microconstrução 2 reúne verbos do tipo de *oferecer*, em que condições de satisfação devem ser cumpridas para que a transferência aconteça; a microconstrução 3 sanciona verbos que indicam transferência em algum ponto do futuro, como *deixar*; por fim, a microconstrução 4 é instanciada por verbos que traduzem a intenção de transferência, a exemplo de *fazer*. Note-

se que as microconstruções 2, 3 e 4 relacionam-se ao grau de êxito da transferência, afastando-se, assim, do sentido central de transferência efetuada. Logo, a construção ditransitiva se associa a uma família de sentidos distintos, mas relacionados, formando uma rede.

Tratando das relações horizontais ou sincrônicas da CD, as quais se dão no nível hierárquico das microconstruções, vimos que os construtos que as realizam podem variar em termos da classe semântica do elemento que preenche o *slot* verbal, da posição dos argumentos OI e OD em relação ao verbo, do papel semântico e da codificação morfossintática do OI e do caso semântico (afetado ou efetuado) do OD. Essas propriedades não fazem parte do esquema abstrato da construção, e sim dos padrões individuais licenciados pela construção ditransitiva. Dessa forma, o significado das aloconstruções corresponde ao conteúdo semântico herdado do esquema de nível superior que compartilham bem como às pequenas diferenças que as distinguem. Nesses termos, pode-se afirmar que a associação horizontal entre as aloconstruções da CD capta o fato de que há uma forte conexão entre elas, que provêm da mesma construção esquemática. Nas palavras de Cappelle (2024), são filhas da mesma mãe.

Vê-se, portanto, que generalizações sobre construtos formalmente distintos que exibem semelhanças semânticas demonstram que um dado evento pode ser expresso de várias maneiras, como afirma Perek (2012). Essas ordenações alternativas podem ser consideradas como a codificação de perspectivas cognitivas distintas. A primeira delas, relacionada à interação humana, seleciona o recipiente como o objeto principal, ao passo que a segunda, ligada à manipulação ou criação de uma coisa, opta pelo paciente como objeto principal (Newman, 2002).

Do ponto de vista cognitivo, diferentes processos são responsáveis pela realização das aloconstruções da CD, tais como: categorização (em especial nas diferenças, quando uma variante se restringe a determinado tipo de evento de transferência), metaforização (quando a transferência é abstrata, expressa por um verbo *dicendi*), analogização (como acontece nas semelhanças semânticas e/ou sintáticas) e armazenamento de informação na memória (por replicação e frequência de uso) (Bybee, 2016 [2010]). Quanto aos aspectos discursivo-pragmáticos que motivam a ocorrência dessas variantes da CD, verifica-se o *status* informacional do OI, o qual prototípicamente é informação dada, recuperada do contexto linguístico (fragmentos (1), (3), (4) e (5), por exemplo) ou da situação de comunicação, como em (6), (7) e (10a), assim como a saliência discursiva desse participante, demonstrada pela sua continuidade textual. Há também motivações semânticas, tais como o papel semântico do OD e do OI e seu atributo [+animado], e gramaticais, como a codificação pronominal do OI, o peso do OD, como em (9), e a possibilidade de sua codificação como pronome relativo, conforme (13).

Considerações finais

Neste texto, tratei da variação sincrônica ou grammatical dos construtos da construção ditransitiva, analisando as relações horizontais que se dão entre eles. Tais construtos se aproximam em termos do seu conteúdo, mas diferem do ponto de vista estrutural e discursivo-pragmático, dadas a classe semântica do verbo usado e as características semânticas e morfossintáticas dos participantes objeto indireto e direto. Construtos com o mesmo verbo podem, inclusive, apresentar diferentes codificações no que diz respeito à ordenação desses participantes, o que indica uma certa competitividade funcional. Desse modo, não é possível afirmar que os construtos da CD são totalmente equivalentes, conforme prevê o princípio da não-sinonímia (Goldberg, 1995). Constatei, ainda, que a variação é gradiente, visto que alguns verbos e padrões exibem graus de produtividade diferentes.

Sob o ângulo cognitivo, demonstrei a atuação de diversos princípios gerais, assim como a possibilidade de codificação alternativa da perspectiva selecionada para a apresentação do evento de transferência. No âmbito discursivo-pragmático, diferentes pressões motivam a escolha por uma ou outra variante. Do ponto de vista semântico e morfossintático, operam propriedades gradientes, que se aproximam mais ou menos do esquema construcional de nível superior.

A maleabilidade tanto na codificação quanto na conceitualização é a principal razão por que a gramática parece arbitrária (Kay, 2005). Conceitualmente, há distintas maneiras de conceber um dado evento, e uma concepção particular de um evento pode se desviar do cânones em algum grau. Linguisticamente, uma variedade de recursos gramaticais, reunidos em torno de um protótipo, está disponível como meio alternativo de codificar um dado evento ou uma dada situação. Por conseguinte, as propriedades objetivas de um evento não bastam para predizer a estrutura grammatical de uma oração que o descreve. Essa maleabilidade de alternativas de codificação para a construção ditransitiva é uma das características da gramática que se constitui na interação sociocomunicativa.

Referências

- FURTADO DA CUNHA, M. A. Estrutura argumental e valência: a relação grammatical objeto direto. **Gragoatá**, v. 17, p. 115-131, 2006.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. Motivações semântico-pragmáticas para a ordenação dos argumentos na construção ditransitiva. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 25, n. 2, p. 555-584, 2017.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. A semântica da construção ditransitiva em perspectiva diacrônica. **Gragoatá**, v. 25, n. 52, p. 785-808, 2020.
- BOAS, H. **A constructional approach to resultatives**. Stanford: CSLI, 2003. p. 361-39.

- BORBA, F. da S. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.
- BYBEE, J. From usage to grammar: the mind's response to repetition. **Language**, v. 82, p. 711-733, 2006.
- BYBEE, J. **Frequency of use and the organization of language**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].
- CAPPELLE, B. Particle placement and the case for “allostructions”. **Constructions**, Special Volume 1, p. 1-28, 2006.
- CAPPELLE, B. Can we factor out free choice? In: DUFTER, A.; FLEISCHER, J.; SEILER, G. (eds.). **Describing and modeling variation in grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009. p. 183-199.
- CAPPELLE, B. Can construction grammar be proven wrong? In: HOFFMANN, T.; BERGS, A. (eds.). **Elements in Construction Grammar**, 2024.
- CEZARIO, M. M.; ALONSO, K. S. A contribuição do modelo da construcionalização e mudanças construcionais: reflexões em português. **Revista Soletras**, v. 1, p. 133-153, 2019.
- CHAFFE, W. **Meaning and the structure of language**. Chicago: University of Chicago Press, 1970.
- COLLEMAN, T.; DE CLERCK, B. Constructional semantics on the move: on semantic specialization in the English double-object construction. **Cognitive Linguistics**, v. 22, p. 183-209, 2011.
- CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, William. **Typology and universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- CUNHA LACERDA, P. F. A. da. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, v. 1, p. 83-101, 2016.
- DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In: DĄBROWSKA, E; DIVJAK, D. (eds.). **Handbook of Cognitive Linguistics**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2019. p. 1-24.
- DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (ed.). **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985, p. 343-366. (Typological Studies in Language, 6).
- FISHER, O. Grammaticalization as analogically driven change? In: HEINE, B.; NARROG, H. (eds.). **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 31-42.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. Estrutura argumental e valência: a relação gramatical objeto direto. **Gragoatá**, v. 17, p. 115-131, 2006.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Motivações semântico-pragmáticas para a ordenação dos argumentos na construção ditransitiva. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 25, n. 2, p. 555-584, 2017.

FURTADO DA CUNHA, M. A. A semântica da construção ditransitiva em perspectiva diacrônica. **Gragoatá**, v. 25, n. 52, p. 785-808, 2020.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Variação no domínio das construções de estrutura argumental. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. (orgs.). **Variação e mudança em perspectiva construcional**. Natal: EDUFRN, 2018. p. 10-35.

GENTNER, D.; MARKMAN, A. B. Structure mapping in analogy and similarity. **American Psychologist**, v. 52, n. 1, p. 45-56, 1997

GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. I. New York: Academic Press, 1984.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. **Syntax: An introduction**. v. I., 2001.

GIVÓN, T. **The Genesis of Syntactic Complexity**. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

GIVÓN, T. **A compreensão da gramática**. Tradução de M. A. Furtado da Cunha, M. E. Martelotta e F. Albani. São Paulo: Cortez; Natal: EDUFRN, 2012 [1979].

GIVÓN, T. **The Diachrony of Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 2015.

GOLDBERG, A. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HAIMAN, J. Iconic and economic motivation. **Language**, v. 59, n. 4, p. 781-819, 1983.

HAIMAN, J. **Natural syntax: Iconicity and erosion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HASPELMATH, M. Ditransitive constructions. **Annual Review of Linguistics**, v. 1, p. 19-41, 2015.

HEINE, B.; KUTEVA, T. **The genesis of grammar: a reconstruction**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HILPERT, M. **Constructional change in English: developments in allomorphy, word-formation and syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HOFFMANN, S.; TROUSDALE, G. (eds.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, 2013.

HOPPER, P. J. Causes and affects. **CLS**, v. 21, p. 67-88, 1985.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). **Approaches to grammaticalization**. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HUDSON, R. **Language networks**: the new Word Grammar. Oxford: Oxford University Press, 2007.

KAY, P. Argument structure constructions and the argument-adjunct distinction. In: FRIED, M.; BOAS, H. (eds.). **Grammatical constructions**: Back to the roots. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 71-98.

LABOV, W. Ordinary events. In: FOUGHT, C. (ed.). **Sociolinguistic variation**: critical reflections. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 31-43.

LANGACKER, R. A dynamic usage-based model. In: KEMMER, S.; BARLOW, M. (eds.). **Usage-based models of language**. Stanford: CSLI, 2000. p. 1-64.

MALCHUKOV, A.; HASPELMATH, M.; COMRIE, B. Ditransitive constructions: a typological overview. In: MALCHUKOV, A.; HASPELMATH, M.; COMRIE, B. (eds.). **Studies in ditransitive constructions**: A comparative handbook. Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p. 1-64.

MARTELOTTA, M. E. Funcionalismo e metodologia quantitativa. In: OLIVEIRA, M. R. (org.). **Pesquisa em linguística funcional**: convergências e divergências. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009. p. 1-20.

NEWMAN, J. Culture, cognition, and the grammar of 'give' clauses. In: ENFIELD, N. (ed.). **Ethnosyntax**: Explorations in culture and grammar. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 74-96.

OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa Revista de Linguística**, v. 60, n. 2, p. 233-260, 2016.

PEREK, F. Alternation-based generalizations are stored in the mental grammar: Evidence from a sorting task experiment. **Cognitive Linguistics**, v. 23, p. 601-635, 2012.

PEREK, F. **Argument structure in usage-based construction grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 2015.

REDDY, M. The conduit metaphor: A case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (ed.). **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 284-310.

SILVA, J. R.; FURTADO DA CUNHA, M. A. Transitividade e variação construcional. **Revista Odisseia**, v. 7, p. 43-65, 2022.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução de T. P. de Oliveira e M. A. Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021 [2013].

Sobre a autora

Maria Angélica Furtado da Cunha
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3128-6852>

Professora emérita pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, é professora titular de Linguística da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora visitante da Universidade Federal Fluminense. Possui doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989), mestrado em Linguística pela Universidade de Brasília (1978) e bacharelado e licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1975/6). Fez dois estágios de pós-doutorado na University of California, Santa Barbara, e um na Universidade Federal Fluminense.

Recebido em jul. 2024.

Aprovado em nov. 2024.